

CARLOS FRANCO, voluntario portuguez e um dos heroes de Champagne

(Desenho de Ferreira da Costa).

II Série — N.º 520

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1916

Assinatura para Portugal, colónias portuguezas e Hespanha:
 Trimestre 1\$20 cty.
 Semestre 2\$40 ..
 Ano 4\$80 ..
 Numero avulso, 10 centavos

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •



CARTUCHOS

Para Espingardas,
"Nitro Club" Forra-
dos Com Aço, Pol-
vora Sem Fumaça

Cartuchos carregados com pólvora sem fumaça para espingardas, a preço módico para serviço rápido. A sua infalibilidade tem-os feito os favoritos dos atiradores mais notáveis do mundo. Veja que a bolla vermelha Remington-UMC e as palavras Nitro-Club apparecem em todas as caixas que compram.

Acham-se á venda nas principaes casas d este genero.

REMINGTON ARMS-UNION METALLIC CARTRIDGE COMPANY
299 Broadway, Nova York, N. Y.
E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portuga: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Peio estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS

PILULAS DIGESTIVAS FOSTER

(Tónico-Laxativas, Anti-Biliosas)

Remedio ideal contra: Somnolencia consecutiva ás comidas; enxaquecas; digestões difficéis; pobreza de sangue; falta de appetite; ondas de calor á cabeça; azia e dores de estomago; bilis; tez amarellada; oppressão e suffocação; palpitações; calafrios; nauseas; prisão de ventre pertinaz; eructações; flatulencia; lingua saburrosa; tonturas de cabeça; manchas deante dos olhos; mãos e pés frios; etc; etc.

As Pilulas Digestivas Foster encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & Co, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N° 85, Porto.

Ler ás quintas-feiras o

"Seculo Comico"

PREÇO: 1 centavo

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N° 2777-LISBOA

molestias dos Faizes quem se.

FERRO QUEVENNE

CURA: ANEMIA, FEBRES, DEBILIDADE
Activo, agradável, economico, inalteravel.
— Fabrica a Sello da "Union des Fabricants"

REMEDIO FRANCES

XAROPE FAMEL

CURA AS
TOSSES

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,
25, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com 2 Frascos.

FOTOGRAFIA



A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

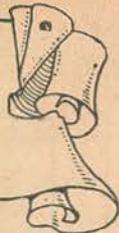
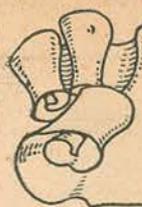
21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remittam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 — PARIS



Porque se ha-de perder um dia?

Um dos ultimos numeros da «Illustrated London News» traz uma impressionante gravura. Arrás, em chamas, ao primeiro alvôr da manhã, destaca-se no horizonte. E' em uma das occasiões em que o duelo das artilharias é mais intenso; o céu está em fogo. Numa das prégas daquela mole linha de colinas que sulca o Artois, ha um recanto placido, completamente abrigado, com

aguas ligeiras e verduras esparsas, como a cem leguas da batalha e comtudo envolvido por ela. Na luz matutina um boi indolente e pensativo puxa uma charrua, uma mulher segura atentamente a rabiça, serena, ausente, como se não visse os

«schrappnells» que se cruzam, alto, no espaço. E' qualquer coisa que choca pelo contraste, uma realidade que parece copiada daquele formidavel livro «La Débacle». Lembram-se? E' a mesma cêna, vivendo isolada na angustia de um exercito que morre entre o calvario de Illy e a aldeia incendiada de Bazeilles. E o comentario é o mesmo que fecha o capitulo épico: Porque se ha-de perder um dia? Porventura, enquanto os homens se batem, deixa o trigo de crescer, deixa o mundo de viver?...



Goya, pintor

O illustre academico hespanhol D. Aureliano de Bernete y Morèl realiso, na semana passada, na Sociedade Nacional de Belas Artes, conferencias sobre Goya, pintor. Para tratar do mais hespanhol de todos os pintores de Hespanha foi, decerto, necessaria toda a erudição do brilhante critico de arte—que, infelizmente, não ouvi. Quasi do nosso tempo, Goya é já para nós um gigante, um dos mais terriveis ironistas da arte, filosofo e revolucionario volvido em pintor de côrte; inventa uma côr e um movimento; negro e dramatico, tem, por vezes, cenas luminosas. O seu detalhe tem sempre a nobreza e nunca a secura de David, o seu desenho sempre a concisão de Hogarth. O conferencista não deixou de referir-se a esse quadro incomparavel que é a «Familia de Carlos IV», onde Goya é amavel e palaciano. Falou tambem, sem duvida, de Goya tragico e violento, aludindo àquela serie tenebrosa em que brilha «Os fusilamentos de 3 de Maio de 1808», horrivelmente belo, de um tal poder de desespero e de angustia, que me senti estremecer ao vê-lo no museu do Prado. Ainda hoje, quando quero evocar a suprema expressão do medo e da amargura, fecho os olhos e vejo a têla de Goya. Ligeiro, ironico, cheio de graça peculiarmente hespanhola? Sim. Mas ao mesmo tempo, grande e tragico como nenhum outro. Fez,



com o seu pincel, o que Shakspeare fez com a sua pena: desceu ao fundo da alma humana.

Já não ha creanças

Mark Twain, humorista pouco citado, mas formidavelmente roubado, conta, algures, em tres linhas, a história de «um homem»:—«Aos seis mezes amou, aos sete amaldiçoou a vida e morreu de cachexia senil antes de ter completado um ano de existencia.» Vejo, por aí uma chusma de pequenitas, sementes de mulher, cabelos caídos, saias pelo joelho, com um ar tão vincado e tão grave, uma tal lassidão de viver que me parecem faces pendidas sobre uma sepultura. Namoram, pintam a cara de vermelho, são horrivelmente sujas e conhecem todas as delicadezas do «flirt». São as creanças «chics», estioladas entre o animatografo e a loja de modas. Como se preparam «menages» felizes! Penso então na «marmaille» dos campos, nas carinhas de Murilo córadas e saudáveis, ignorantes do sexo e da clorose. A rara, a encantadora delicia de uma creança que tenha as pernas esfoladas—e não saiba falar francez!



El-rei «chauffeur»

A camara municipal consentiu, nos extremos de todos os talhões da Avenida, estações de automoveis de praça. Qualquer espirito ingenuo imaginará que esses veiculos permanecem imoveis esperando o transeunte apressado. Enganadora ilusão. A todas as horas ha misteriosas manobras, secretos desvios que impedem a passagem e mostram ao lisboeta que a rua não lhe pertence. Uma senhora esteve dez minutos, á beira de um passeio, esperando que meia duzia de carros esguichando fumo e fazendo barulho se aquietassem, por fim, junto á valeta. Desistindo, impetrou uma licença—que lhe foi graciosamente concedida: o movimento suspendeu-se dois segundos e depois recommçou de novo. Em todas as cidades civilizadas o automovel se afasta do peão. Aqui, parece que não é costume; o peão é que tem o dever de se afastar do automovel!



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



(Em campos d'Africa)

A companhia tinha feito nesse dia 30 quilômetros. Estava-se no mez de agosto; aproximava-se a época das chuvas. O sol tornava-se mais abrazador, e mais elevada a temperatura ambiente.

Tinha sido uma marcha penosa, por terrenos arenosos e sem agua. As reservas desta, preparadas por cada um, no dia anterior, no rio Cunene, haviam sido consumidas, nada restando já nos çantís, nem nos sacos de lona.

Dois ou tres reservatórios que, com mil dificuldades, eram transportados em carros alemtejanos, estavam destinados a matar a sede ao gado, que sem agua não poderia arrastar-se mais.

Pelas fileiras dos soldados, cobertos de poeira, sujos, rotos, alguns quasi descalços, com os labios ressequidos, cobertos de crostas negras, os olhos injetados, repetia-se, alastrava como um gemido, uma supplica, uma ancia louca, um lamento funebre, a palavra agua, pronunciada nos máis diversos tons, e nas mais variadas modalidades de voz.

Atingir a agua, chegar á agua, beber agua, chafurdar na agua até ficar pingando encharcado, tal era o sonho torturante de cada um.

E enquanto esta queixa lamentosa ia deixando atraz, ao longo dos caminhos ardentes, um éco de lugubre cansaço, a imaginação de todos, num contraste de supplicio, deleitava-se, pintando-lhes em côres vivas, as fontes limpidas e abundantes de suas terras natais, as serenas correntes onde, no verão, á vontade, numa liberdade quasi selvagem, iam banhar-se, re-re-çar o corpo depois de uma ardua tarefa na charneca.

Mas a marcha não abrandava. Era preciso ir para a frente a todo o custo. Se qualquer soldado, exausto, tombava, caindo pesadamente com a mochileta no chão, era imedia-

tamente aliviado de ela e da espingarda, que se lançavam para um carro, e posto de novo a caminho, embora tropego, embora com as pernas tremendo e o rosto cadaverico.

Os officiaes, a cavallo, recomendavam a cada instante que ninguém ficasse á retaguarda e todos conservassem os seus logares. Não obstante, os intervalos de soldado para soldado iam alargando, as fileiras iam distendendo-se numa desordem crescente. Poucos eram já os que conservavam a formação primitiva.

Uma pesada nuvem de poeira envolvia permanentemente a pequena coluna, mal deixando divisar, por vezes, a cauda da guarda avançada e ocultando, com frequencia, o comandante, que caminhava á frente.

Todos tinham o nariz entupido de pó. Respiravam pela boca, em austos soffregos e sibilantes. A poeira, amassada em suor, adería á cara, em camadas espessas e alastrava pelas barbas hirsutas e intonsas dos soldados, imprimindo-lhes aspétoes estranhos, quasi selvagens.

Camínhauo, de busto curvado, olhavam o caminho, vergados ao peso incomodo da mochileta, que lhes esfolava as costas e lhes enterrava as correias nos hombros.

Déra-se um pequeno de canso, cinco minutos apenas. Todos, num murmúrio de cansaço, gemendo, de hombros doridos e pés em sangue, atiraram-se ao chão num completo abandono. Ninguém pronunciava uma palavra, ninguém trocava uma impressão.

Uma só queixa, em voz lamentosa, tímida, se ouvia:

— Oh! que vida! que vida esta!

E ficavam-se numa contemplação espasmódica, os olhos em vago, indiferentes a tudo.

— Tenho sede! Só queria ter uma pingui-nha de agua para molhar os beiços! Dava tudo quanto tenho...

Diziam alguns, num murmúrio sêco, os lábios colando-se-lhes, a língua aderindo ao céu da bôca.

Outros descalçavam-se, arejando os pés, semeados de enormes bolhas de água ou com partes esfoladas, sangrando.

Mal, porém, se haviam atirado ao solo, já

encostam-se logo a árvores próximas, enquanto outros colocam a Mauser atrás das costas, espécando a mochileta.

Ninguém comia a ração fria—uma pequena lata com carne de conserva—porque não havia água. As pernas fraquejavam, o estômago, trabalhando em sêco, provocava sensações dolorosas.



um oficial, espicaçando um macho lazarento, corria bradando:

—De pé! Já de pé! Tudo de pé! Ninguém deu licença para se sentarem!

Trocaram olhares dolorosos, suspiram fundamentalmente e todos se levantam com lentidão, colocando primeiro os joelhos no solo e apoiando-se depois com força á espingarda. Alguns

O oficial continuava a percorrer as fileiras, verificando do cumprimento exato da sua ordem.

Todos se tinham levantado, á excêção de um. Viu-o. Esporeou a montada e correu para ele.

—Porque não se levanta esse homem? Sargento, tire o numero áquele homem!

Porém, o soldado não se movia, nem respondia.

—Você não ouve? Levante-se já, se não quer dez dias de prisão!

Como o soldado nada respondesse, adiantou-se um camarada visinho:

—Parece que está doente, meu tenente. Logo que aqui chegámos, caiu para o lado e ainda não disse nada.

O oficial desmontou-se e avançou.

—Que tens tu, rapaz? Que é isso?

—O soldado nada respondeu; limitou-se a abrir um pouco os olhos, envolvidos num círculo roxo. O rosto cobria-se-lhe de palidez de cêra e pelos cantos da bôca, onde as moscas zumbiam e passeavam numa persistência atroz, escorriam delgados fios de baba.

—Então que é isso, homem? Que sentes?

Como não obtivesse resposta, o oficial indignava-se com os visinhos:

—Estupidos! Aqui este camarada doente e não me avisavam! não me diziam nada!

Imediatamente lhe tiraram a mochileta, desapertando-o e abanando-lhe sobre o rosto com o capacete, de fórmula a refrescar-lhe as faces.

O oficial curva-se e toma-lhe o pulso:

—Então que é isso, meu rapaz? Que sentes?

O soldado abriu de novo os olhos, e dos lábios escapou-lhe um gemido debil, fraco como a gota que se desprende da folha e tomba no solo:

—Água! uma gotinha d'água!

Correm, vão aos reservatórios e trazem uma pequena porção de água. Molham-lhe a fronte e a nuca; levam-lh'a á boca. Mas os dentes estavam cerrados numa tensão de musculos que não era possível vencer.

Quando num ultimo esforço tentavam abri-lh'os, o soldado agita-se numa ligeira convulsão, treme por momentos, os pés cavam o solo, os olhos esbogalham-se-lhe, tomba a cabeça para o lado e fica-se.

O tenente endireita o busto e afasta-se, murmurando:

—Está morto!

A esse tempo já o apito do capitão silvára ordenando que a marcha continuasse.

A guarda avançada pôe-se em movimento, alheia ao que se passára. O tenente, porém, corre a avisar do sucedido o capitão. Este, contrariado, manda parar e vae vêr. Olha por instantes o soldado morto e diagnostica, superior:

—Isso foi golpe de sol.

Mas era forçoso já acamparem ali. O capitão ordena que as forças retirem da estrada, procurando a sombra de algumas árvores proximas, descarnadas, quasi secas. Transportam o corpo do camarada morto para baixo de um carro alemtejano e cobrem-no com um panno de tenda.

Passava do meio dia. O sol dardejava os seus raios mais ardentes, queimando os pequenos arbustos e incendiando a areia do solo. Vindas de origens incertas, corriam lufadas de vento quente, tornando a respiração difficil.

Resolvera-se que o morto fosse enterrado á tarde, quando o calor se tornasse mais suportavel. Entretanto, os soldados formam bivaque, levantam tendas e, depois de estabelecidas sentinelas, deitam-se pelas sombras proximas, esperando que o capitão, em seguida á distribuição de agua ao gado, mandasse dar meio litro a cada p aça.

Fez-se finalmente essa distribuição, e todos numa avidez louca, numa sofreguidão estonteante, bebem-na de um sôrvo, mal humedecendo os lábios. Momentos depois, uns dormitam, outros mastigam pequenos pedaços de bolacha, outros cuidam dos pés, e ainda outros, mostrando os torsos nús, dão caça aos parasitas que lh es pululam na roupa.

A' tarde, a curta distancia do bivaque, cava-se uma pequena sepultura e nela é depositado o corpo do soldado morto, cobrindo-o de terra, e encimando o coval com uma pequena cruz tosca, a qual mezes-depois deveria estar devorada pela *salalé*.

LAPAS DE GUSMÃO.



O 31 de janeiro no Porto



Esperando o cortejo

O Porto celebrou este ano com grande luzimento o aniversário da revolta de 31 de janeiro, incluindo no programa das suas festas a inauguração dos trabalhos para a construção de uma grande avenida. O chefe do

Estado e o presidente do governo assistiram a essas festas, sendo muito aclamados. Foi esta a primeira viagem oficial do 3.º presidente da Republica, sr. dr. Bernardino Machado.



Chegada ao Porto do presidente da Republica e do sr. dr. Afonso Costa, chefe do governo.

(Clutchés Garcez).

TERRAS AÇOREANAS

Calheta de S. Jorge



S. Jorge.—Club da Calheta

rondelle», de sua alteza o principe de Monaco.

Sua alteza desembarcou da sua pequena canôa a vapor, e acompanhava-o além do seu sequito de homem de ciencia, o illustre «capitão Chaves», o sabio que só é conhecido lá fóra. Coisas da nossa terra! Eu ao vêr estes homens de ciencia, n'este pequenino rincão que desafia o mar, embrei-me des Pirineus, da Suíssa, do Tirol e das montanhas alpinas que o bom burguez lusitano endinheirado disfruta por snobismo, com aquele ar de pateta alegre...

Se lhe perguntarem pelas belezas da terra natal fica ancho do que viu lá fóra e sorri desdenhosamente.

Emquanto um principe, «sportsman», «touriste», sabio e artista, gaba os lindos panoramas açoreanos, os «nossos», babados de goso nos «boulevards» parisienses, despejam as algibeiras nos «cabarets» e mendigam um olhar de qualquer Gabv de quinta ordem.

Mas... vamos ao sub-titulo. A traços largos, a Calheta de S. Jorge é um lindo torrão que o Atlantico beija, e que, no seu interior, abriga lindos parques que causaram admiração a sabios naturalistas inglezes que, para enriquecerem a ciencia e sobretudo os museus da patria natal — sempre «o !!» — aqui vieram n'um recanto florido, caçar microscopicas avesinhas, lindas como o sabiá e de soberba penugem.

Estudaram, viram, caçaram, e bradaram para a paisagem em volta «The natural park!...» D'um lindo soneto sobre os Açores, escrito pelo distinto engenheiro agronomo Kene-

N'um belo dia de verão despon-tava ao longe, n'uma hora de bonança, o hiate de recreio «L'Hi-

dz d'Avelar, arrancamos os soberbos tercetos que seguem:

«Mostra-se a Graciosa docemente,
«Mignone» pedestal de estatueta,
No meio do oceano vasto, ingente!

Ergue-se altivo o Topo qual vedeta,
Costeiam-se as Fajãs, e de repente
Alegre olhando o mar surge a Calheta!»

As tres fotografias da



Pastagens de S. Jorge.—A comissão tecnica de avaliação predial: srs. Antonio de Avelar, Pedro A. Jorge e Antonio Durão

vila da Calheta, do Club Estimulo e da Fajã Grande dão uma palida idéa do «menos belo».

Soberbas paisagens e admiraveis pastagens abriga o norte Pequeno — a pequena Suíssa de cá — aonde se fabrica o excelente queijo tão apreciado em Lisboa, o queijo de S. Jorge. Passando um pouco mais além vamos contemplar «o belo horrivel» que se disfruta da encosta de Miragaia. Ao

longe, surge a ermida da Fajã da Caldeira, de Santo Cristo, aonde em setembro ha uma importante romaria que se conta por milhares de forasteiros que vão cumprir as suas pro-



Fajã dos Cubres—Clichês do sr. Cesar Coelho



Fajã Grande.—Chalet do Souza—Grupo da «élite» calhetense
(Cliché do sr. Amorim)

messas, resauado, comendo, e... namorando. «Si e vero...» Sob a nossa vista, ao fundo da encosta de Miragaia, ha um cosmorama lindo, de entontecer: o mar languidamente beijando a Fajã dos Cubres, aonde, a fé cristã, levantou uma ermida á Senhora de Lourdes, ao pé d'uma fonte de agua salobra, que o povo julga miraculosa como a sua irmã de França.

«A vol d'oiseau», em notas impressivas, é impossivel fixar as belezas naturaes d'estes recantos fadados para um «Tristão e Isolda», para um recolhimento suavemente amoroso... Ail as pastagens como despertam emoções profundas! Se o sol nos sorri, e a gente se espreguiça «sub tegmine fagi», uma tarraçada de leite consolanos o estomago, e o espirito vibra a pensar na frase gongorica de cá: — é o melhor leite do mundo! E' rival do das vacas da Birmania. E ahí, em Lisboa, a beberem agua das fontes com um cheiro de leite, que a esperteza proverbial dos saloios

consegue impingir! Em plena pastagem, os illustres engenheiros agronomos Artur Kenedy de Avelar, Antonio Perez Durão e Pedro Avelino Joyce, montados em bucefalos de raça desconhecida, contemplam avidamente o mar, sonhando nos entes queridos que anseiam pelo seu regresso...

O concelho da Calheta é berço do genial maestro Francisco de Lacerda, do medico insigne dr. José de Lacerda, do enciclopedista illustre padre Manuel d'Azevedo da Cunha e do falecido e formidavel duelista da pena João Caetano de Sousa e Lacerda.

Faltam aqui iniciativa e capital para que a ilha de S. Jorge se torne a Rainha dos queijos e da manteiga. Ricaços, abri as vossas burras, fazei-as falar retinindo argentinamente, e vinde aqui buscar o juro de vinte por cento!

Mãos á obra, e dinheiro ao sol!...

Dezembro de 1915.

Bernardo Botelho



S. Jorge.—Vista geral da Calheta—(Cliché do sr. Amorim)



Fajã da Caldeira.—Santo Cristo—(Cliché do sr. Cesar Ccelho).



OCASO

*O sol é rubro e lança tristemente
A' Naturêsa um derradeiro olhar.
Mas ela absôrta em languido cismar
Da treva o frio amplexo já presente.*

*Palpita em tudo a aspiração latente :
Ô vôo da ave, o revolver do mar
E até o fumo que se eleva ao ar
Tudo revela a sêde do ascendente.*

*As coisas mudas cantam n'esta hora
Um psalmo onde crepita reprimida
Do sonho altivo a chama creadora.*

*E a alma então n'uma ancia mal contida,
Esvoaça errante pelo espaço em fôra
Buscando o fôgo, a inspiração e a vida.*

O. Guerra.

O VELHO MUNDO EM GUERRA



General sir John Nixon, antigo comandante em chefe na Mesopotamia



General Townshend, comandante em chefe das tropas em Kut-el-Amara



General sir Percy Lake, novo comandante em chefe das tropas na Mesopotamia

A Alemanha bem ameaçou a Inglaterra com o bloqueio, contando isolal-a do resto do mundo, e só os germanofilos fingiram tomar a serio a realisação de tal ameaça. Todos os dias a Wolff, telegrafava navios ingleses metidos a pique por submarinos, ou batendo em minas, e dava para breve a paralisação do comercio em todos os portos ingleses. E, efetivamente, se a agencia alemã dissesse a verdade, a poderosa marinha mercante da Inglaterra não viria a possuir um só navio.

Mas o que é curioso é que, consultadas as notas fidedignas do movimento nas costas inglesas, nunca se deu pela diminuição do numero de entradas

Nunca ninguem quiz ir a Inglaterra ou de lá regressar que não tivesse meio de o fazer, assim como o comercio de expedir ou importar as suas mercadorias, e o serviço do correio fez-se sempre com regularidade notavel.

Veja-se agora o que sucede com o bloqueio da Alemanha. Nem passageiros, nem mercadorias, nem o proprio correio se faz ha algumas semanas. O isolamento do imperio germanico é quasi completo. Se os ingleses conseguem cortar-lhes as comunicações pela Suecia Noruega, tem de render-se pela fome que começa já a originar graves perturbações e conflitos nas principaes cidades.



A bordo de um transporte: Grupo de officiaes aviadores a caminho de Salonica— (Cliché Branger)

e saídas nos seus portos, pelo contrario esse mantinha-se e até havia semanas em que subia.

O facto é este: Hoje nem mesmo via Hespanha nos chega nada da Alemanha. D'antes ainda vinham



cartas, jornaes, folhetos de propaganda em varias linguas, até em bom portuguez, sendo para notar uma edição de um jornal de Hamburgo feita na nossa lingua e destinada a Portugal e ao Brazil. Gastava-se visivelmente muito dinheiro em tudo isso, incluindo as despezas postaes, pois que todos esses impressos vinham em envelopes fechados, franqueados como cartas e alguns até registados. N'elles se contavam as vitorias alemãs, a superabundancia das suas provisões, a lealdade com que ella lutava, etc. Pois tudo



O prisioneiro alemão Kolossal detido nas trincheiras de Este, onde a vida lhe deveria ter sido particularmente horrivel por ter de se conservar constantemente inclinado para evitar as balas francezas—(Cliché Excelstor) — 2. *Frente a frente, depois da explosão de uma mina:* No primeiro plano o capitão de engenharia franceza que dirigiu os trabalhos das excavações. Ao fundo os alemães

isso desapareceu; ha muito que não vem um impresso, uma carta da Alemanha. As proprias assinaturas

de jornaes ilustrados ha semanas que não se recebem. Esta é que é a prova real dá eficacia de um bloqueio.



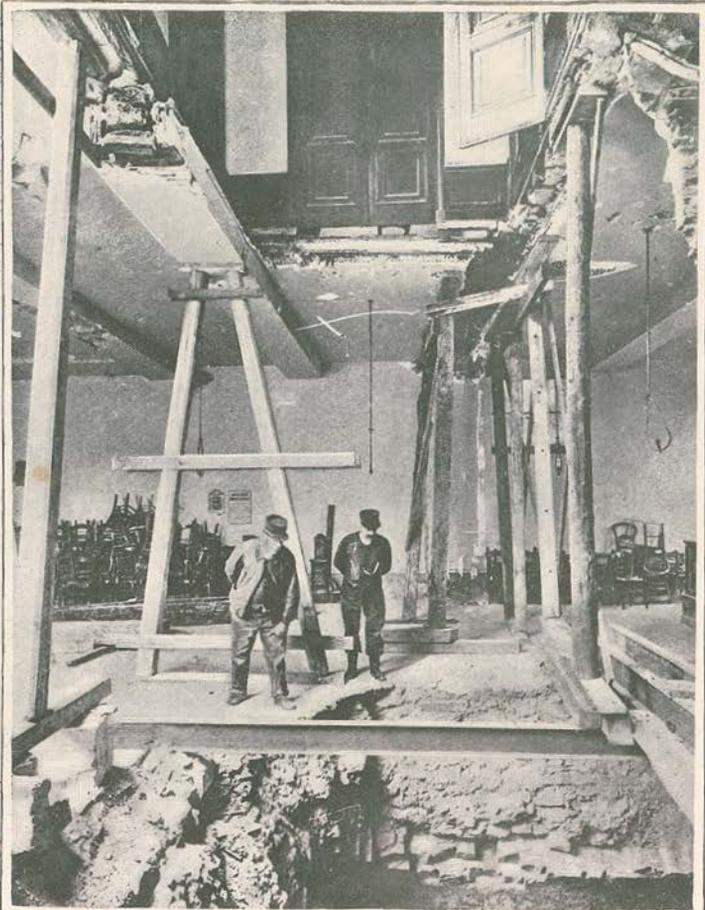
Reforços dos aliados chegando a Salonica



Transportes de guerra fundeados em Salonica

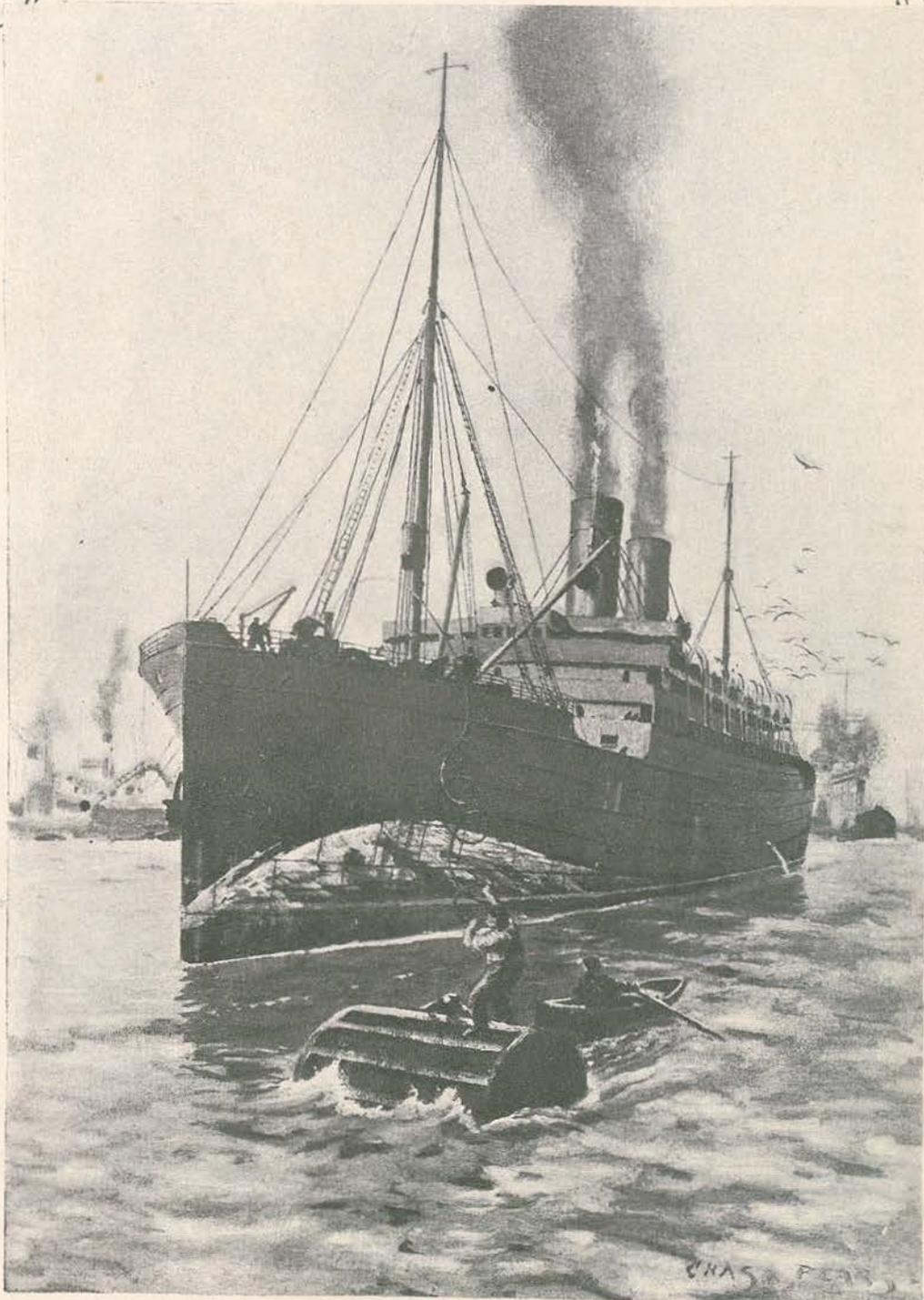


Em Reims: —Uma casa depois de rebentar sobre ela uma granada



Em Reims: — Um grande escritório destruído por uma granada

Enganando os submarinos



Para que o ataque de submarinos seja eficaz, é preciso calcular a velocidade com que vem o navio e esta calcula-se pela altura das ondas na prôa. D'ali nasceu a engenhosa ideia de pintar duas on-

das, uma de cada lado da prôa do navio, o que tem determinado falharem muitos d'esses ataques.

N'esta estampa vê-se um navio inglês tendo pintado essas ondas.

(Da Illustrated London News)



EM SALONICA

Por ocasião da prisão do consul alemão em Salonica houve um «raid» de aviões inimigos sobre a cidade. Um dos navios de guerra ingleses que

se encontravam n'aquelas aguas fez um vivissimo e certo fogo sobre eles, afugentando-os a todos em pouco tempo. *(The Illustrated London News).*



UM REI SEM TERRITORIO

Tem paginas verdadeiramente comovedoras essa via-sacra percorrida pelo rei Pedro da Servia, desde que abandonou o seu territorio ante a invasão dos bulgaros e austro-alemães. Eil-o ali atravessando as montanhas da Albania e marchando sobre a neve. Que

dolorosa semelhança não ha entre a situação d'esse nobre e velho monarca, sem um palmo de terra seu, arrastando-se esmagado pelos anos e pelos desgostos, e a natureza morta, intensamente gelada, que serve de fundo á sua alquebrada figura!

(Cliché R. Marianowitch).



A retirada dos servios para a Albania, vendo-se o seu comandante em chefe levado n'uma cadeirinha

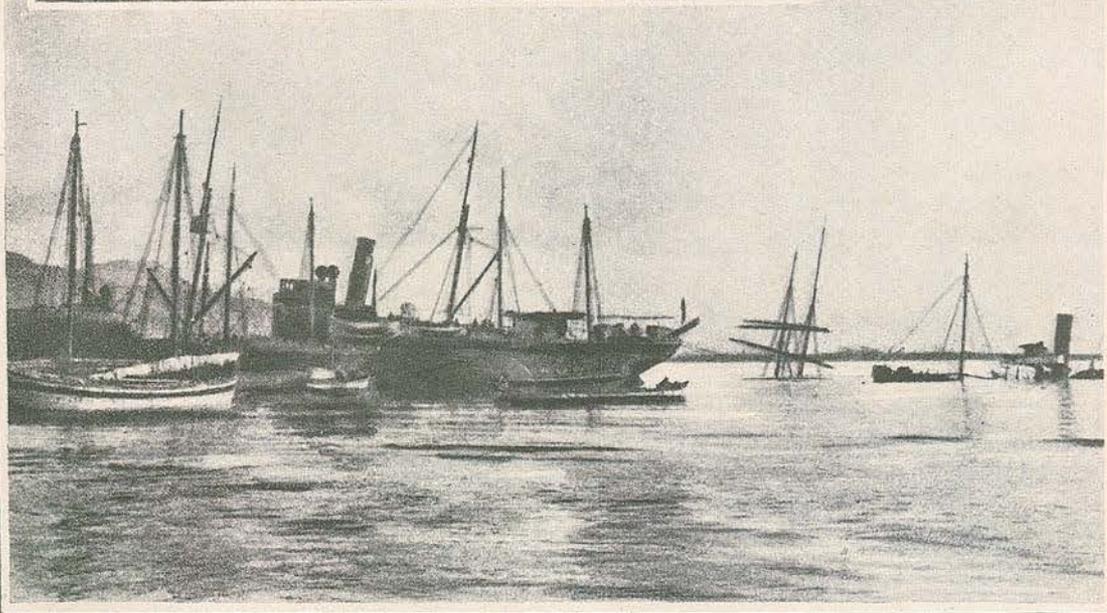
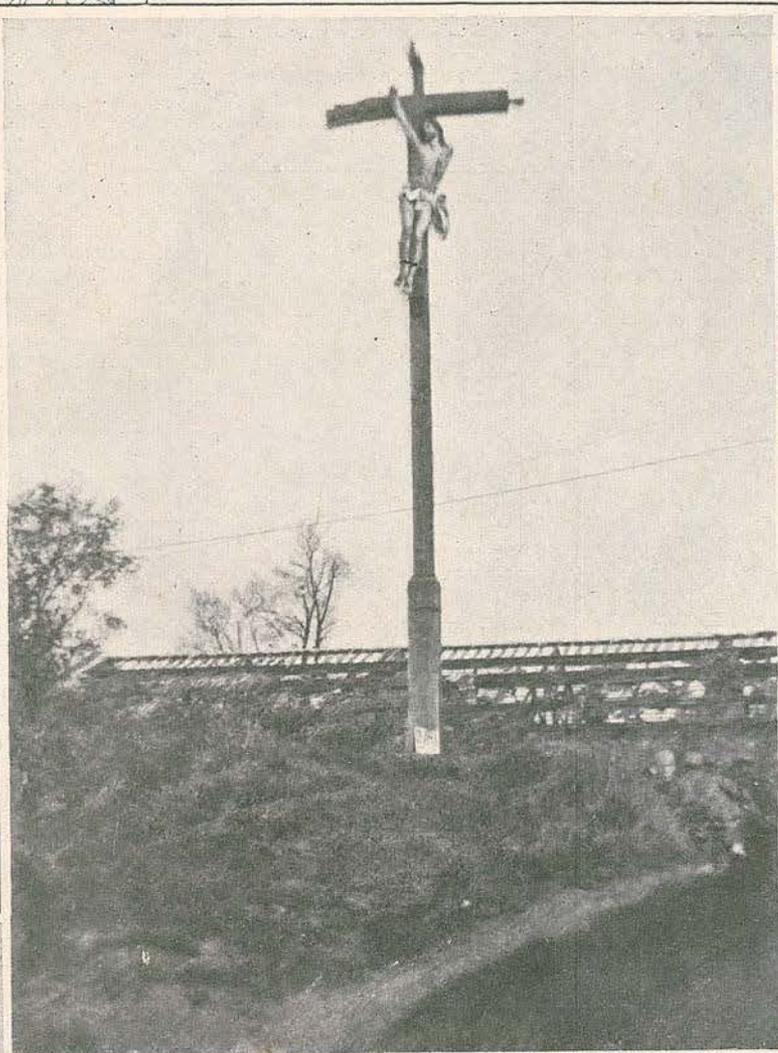


No Egypcio: — Depois da oração em favor da causa dos aliados, celebra-se a procissão do grande Senussi.—(The Illustrated London News).

**Dominando
ruínas**

Arras é uma das cidades da França que mais tem sofrido com o canho-neio dos alemães. Dia e noite choveram bombas e granadas sobre a cidade e seus arredores, matando inofensivos habitantes, destruindo-lhes as casas e tudo o que havia de mais artístico e monumental n'aquela delicioso recanto do território francez.

Tem a *Ilustração Portuguesa* reproduzido varios aspectos d'esse maldito vandalismo, perante o qual não ha coração, por menos sensível, que se não confranja de dor. O *cliché* que acompanha estas linhas é de todos eles o que mais profundamente impressiona. Em volta d'aquela enorme cruz, cuja aste e braços foram alcançados pela metralha jaz derruido um bairro inteiro. Só ela ficou de pé sustentando o Cristo, embora mal seguro, como o simbolo da resignação para aqueles que tanto sofrem e do castigo para os que os fazem sofrer.



1. O Cristo de S. Nicolau em Arras.—(*Cliché* Excelsior).
2. Na costa albanesa (S. João de Medua). — Transportes afundados no porto.

OS SERVÍOS EM CORFU

A Grecia tinha e tem ainda um tratado d'aliança com a Servia; mas como contra os servios se voltaram as iras e os apetites de poderosos inimigos, esses bons senhores de fustauela que em bem má postura se apresentam, enfileirados no sequito d'um rei estrangeiro, para reivindicar a herança das heladas á outr'ora, conservaram-se prudentemente n'uma reserva neutral.

Se a Grecia hoje é Grecia e Constantino seu rei e porque assim o quizeram 'essas mesmas nações cujo conselho a nação e o seu soberano agora só escutam com má vontade. Alguns inglezes lembraram mesmo não ha muito quanto as potencias interessadas agiriam com boa oportunidade expulsando d'Atenas, o cunhado de Guilherme II e permitindo aos gregos constituir-se em republica sob a presidencia do seu grande homem d'Estado — Venizelos.

Mas as potencias da *Entente* não recorreram a esses meios extremos que não deixariam d'oferecer muitos e graves riscos. Simplesmente se substituiram á Grecia e no territorio grego, tanto quanto as circunstancias podiam permiti-lo, no cumprimento dos deveres que ao governo de Atenas impunha o seu tratado d'aliança com a Servia. Para isso se instalaram em Salonica como em casa sua, para isso ocuparam a ilha de Corfu onde o que resta do exercito servio poderá repousar dos seus largos



Um aspecto do *Aquileon*: a vivenda do kaizer em Corfu: O peristilo.

sofrimentos e preparar-se para surpresas novas. Corfu, que (pormenor curioso), se encontra representada no parlamento helenico pelo germano-



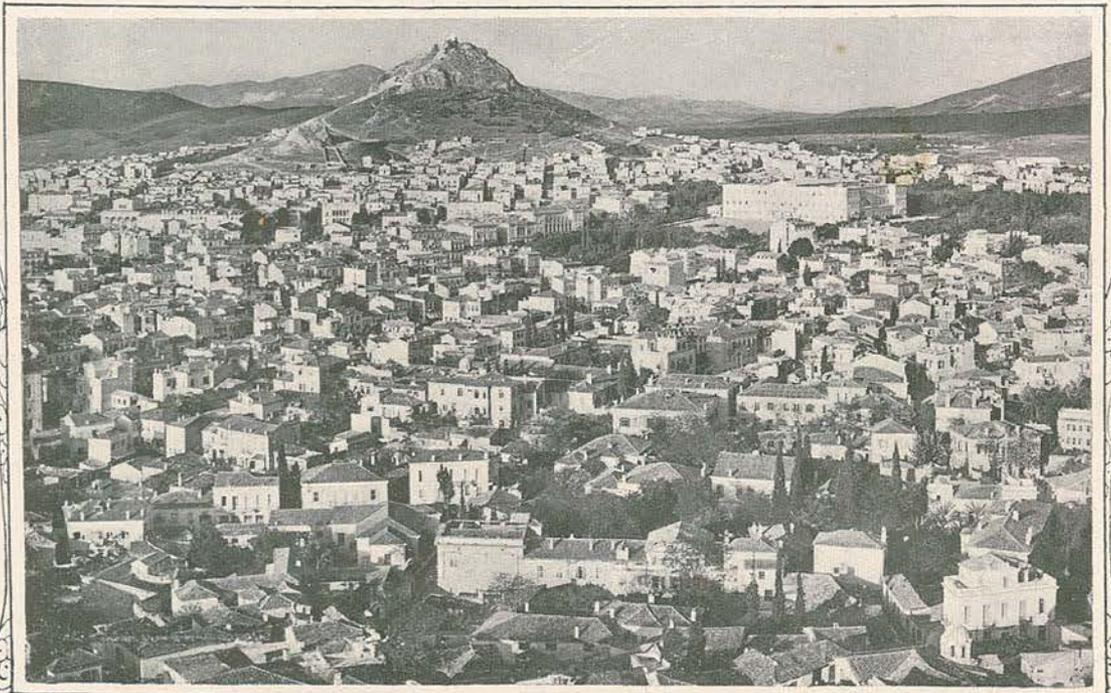
Um grupo de gregos

filo Teotokis, é uma ilha do Mediterraneo proximo da entrada da Adriatico. N'essa terra de clima suave banhada pelo mais azul dos mares, a infortunada rainha Elisabeth d'Austria fiserá construir em 1890 uma vivenda em estilo da Renascença italiana, que em 1907 foi comprada pelo imperador alemão. E' o celebre *Aquileon* que Guilherme II modernizou com um gosto assás impuro, guardando-o ao mesmo tempo com alguns depositos de petroleo onde os submarinos da sua marinha gloriosa nos ultimos tempos, ao que parece, se iam alimentar. A manobra era tanto mais facil quanto é certo que os jardins do *Aquileon* se prolongam até ao mar.

Guilherme proprietario dará, bem que lhe custe, o seu lindo palacio para albergar os feridos e os doentes do exercito servio. Ali se fará um excelente hospital. Os emissarios da *Entente* levaram para lá os fundos necessarios e nenhuma duvida resta de que os gregos serão os mais discretos e zelosos servidores.

Paris, Janeiro.

P. O.



A Atenas de hoje vista do Acropole

Os "escoteiros" italianos

A sua prodigiosa atividade durante a guerra

Em Italia, por causa da guerra, como era natural, tomaram enorme incremento as organizações dos "escoteiros", que tão relevantes serviços já tem prestado.

A chamada *Organização civil*, que em Italia, com assinalado patriotismo, procura remediar, na medida do possível, os inevitáveis transtornos derivados da mobilização geral, encontrou nos "escoteiros" um preciosíssimo auxiliar.

De facto, os "escoteiros" de ambos os sexos apparecem por toda a parte, substituindo, com entusiasmo e indiscutível utilidade, os homens que a guerra atirou para os campos de batalha, abandonando as oficinas, o commercio e a agricultura.

A utilidade dos "escoteiros" tem-se manifestado, principalmente, nas ambulancias da Cruz Vermelha e nos hospitaes de sangue. A dedicação dos "escoteiros" italianos é verdadeiramente incomparavel. Não é mesmo facil exceder a sua prodigiosa atividade.

Os directores das diversas organizações dos "escoteiros" italianos não descansam, procurando sempre aperfeçoal-os e imprimilhes um caracter pratico e adequado ás atuaes circunstancias do paiz.

As organizações dos "escoteiros", já espalhadas por todo o mundo, inclusivé em Portugal, o que registamos com sincero prazer, constituem, como se sabe, uma escola indispensavel para a mocidade de ambos



A guarda de honra da bandeira de um dos grupos «escoteiros» romanos

os sexos. E' uma escola que lhe disciplina a vontade e aperfeço o caracter, porque nas organizações dos "escoteiros" trata-se não só do robustecimento do corpo, mas tambem, e principalmente, da educação moral da juventude por processos novos, que a experiencia, já de bastantes anos, classificou d'excelentes.

Em Portugal, como bem o salientou um illustre colaborador do *Seculo*, ao falar dos nossos "escoteiros", verificou-se que, na verdade, assim é por ocasião do movimento maio. A attitude dos nossos "escoteiros", foi uma surpreendente e inolvidavel lição de civismo! Com que invejavel serenidade e varonil coragem eles percorreram as ruas de Lisboa, durante o mais intenso tiroteio, inteiramente devotados á sua ardua missão, tão honrosa como cheia de perigo!

As fotografias que a *Ilustração Portuguesa* gostosamente hoje publica e que julgamos devem interessar vivamente os seus numerosos leitores, reproduzem alguns aspetos dos curiosissimos e complicados exercicios que os "escoteiros" italianos realisaram ultimamente em Roma, perante milhares e milhares de pessoas todas unanimes em elogial-os.

A bela idéa de Baden Powell alcançou um justissimo e pe duravel triunfo. E' digno, pois, de aplauso o desvelado apoio que o governo italiano está dispensando ás benemeritas organizações dos "escoteiros",



Os officaes instrutores dos «escoteiros», e a direção de diversos grupos percorrem o local dos exercicios durante os intervalos dos mesmos, dando as suas ultimas instruções



Uma fase dos exercicios ginasticos dos «escoteiros» italianos

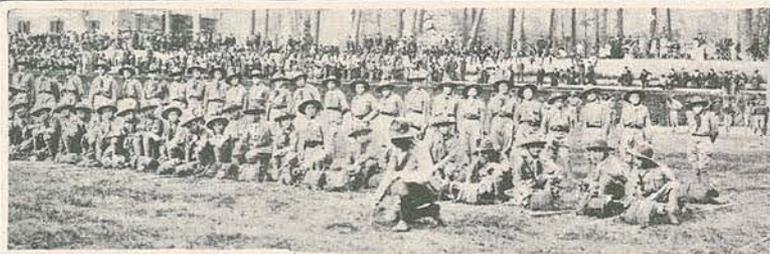
apoio que é brilhantemente secundado pelos municípios, os quaes, não só facultam o material ginastico, sanitario, etc., necessario para os mencionados exercicios, mas até concorrem pecuniariamente para cobrir as respetivas despesas, — o que, por emquanto, não succede, infeliz-



Pensando os feridos os «escoteiros» italianos parecem habilissimos enfermeiros

coteiros: italianos executam, com singularissima agilidade e precisão, os mais arriscados exercicios e que não ignoram, ainda mesmo nas suas particularidades, os comhecimentos que se exigem aos soldados especialistas das diversas armas,

Os leitores da *Ilustração Portuguesa*, pelas gravuras que hoje lhes oferecemos, avaliarão facilmente a importancia dos exercicios a que se entrega, com admiravel entusiasmo e sem olhar a sacrificios e canceiras, a briosa mocidade italiana, a qual, aos milhares, se alistou nas benemeritas organizações dos «escoteiros», já



O acampamento dos «escoteiros» romanos antes de se iniciarem os exercicios

mente em Portugal...

Ainda não ha muito que em Roma, entre os «escoteiros», figurou, com o competente uniforme, o principe real, facto que demonstra, d'uma maneira iniludivel e sensacional, a simpatia com que, nas altas regiões officiaes italianas, se observam os progressos de tão benemeritas instituições.

Os exercicios dos «escoteiros» em Italia, convém dizer, obedecem a uma disciplina rigorosa, quasi militar, e os seus dirigentes, geralmente illustres officiaes do exercito, timbram sempre em imprimir-lhes aquella soberba e invejavel correção que tanto distinguem as tropas sob o seu comando.

Não é exagero afirmar que os «es-

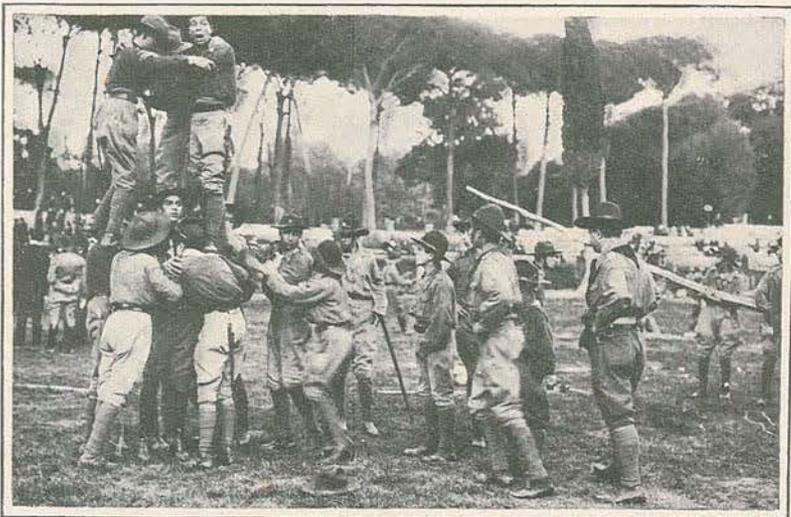


Os «escoteiros» velocipedistas

espalhadas e florescentes até nas mais pequenas vilas do paiz.

As gravuras que acompanham este despretencioso artigo são, seguramente, bem mais eloquentes do que quaesquer outras explicações que ainda acrescentassemos sobre o assunto.

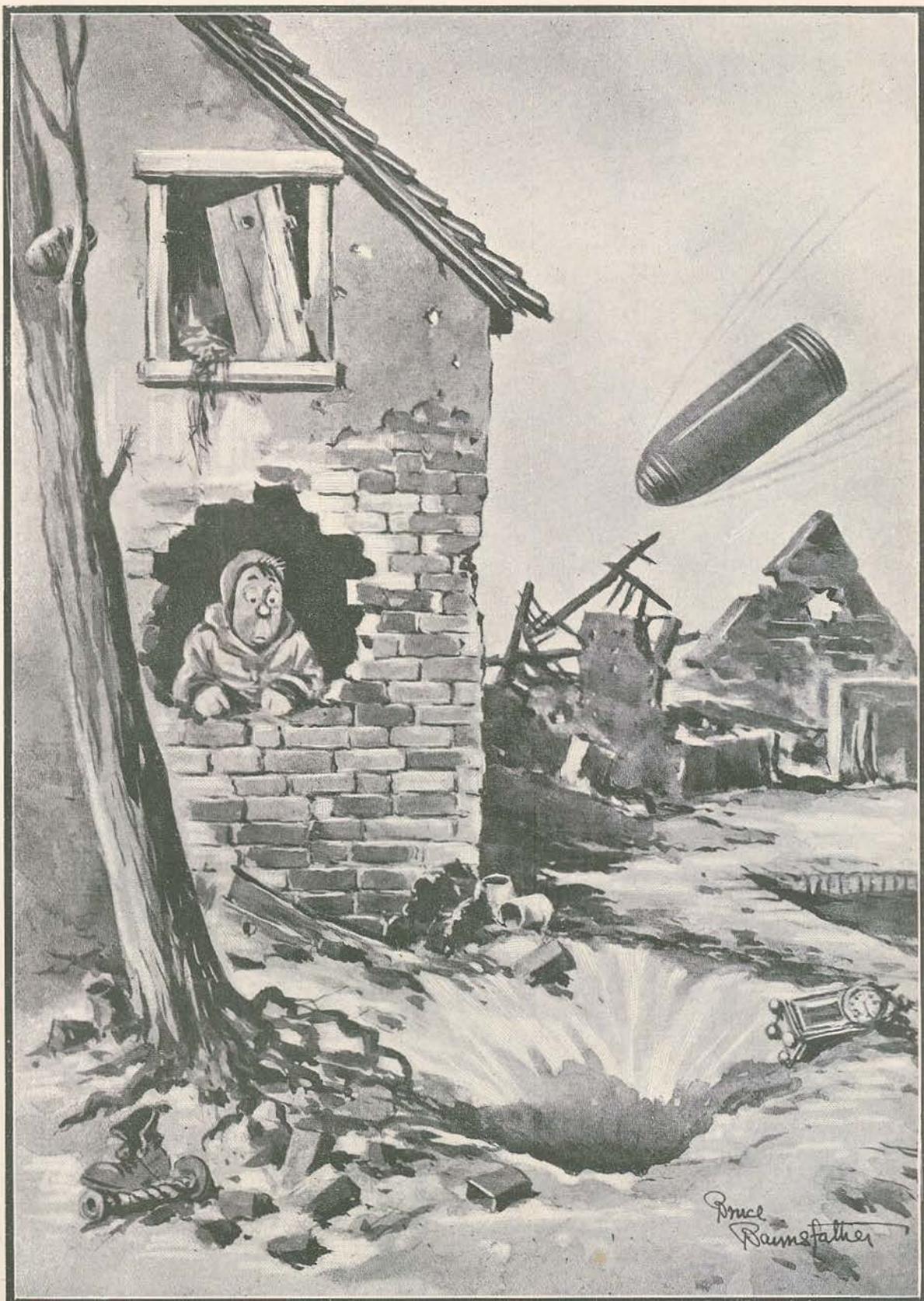
Roma, janeiro de 1916.



Exercicios a que os «escoteiros» se entregam com grande prazer e não deixam de atestar a sua agilidade e resistencia

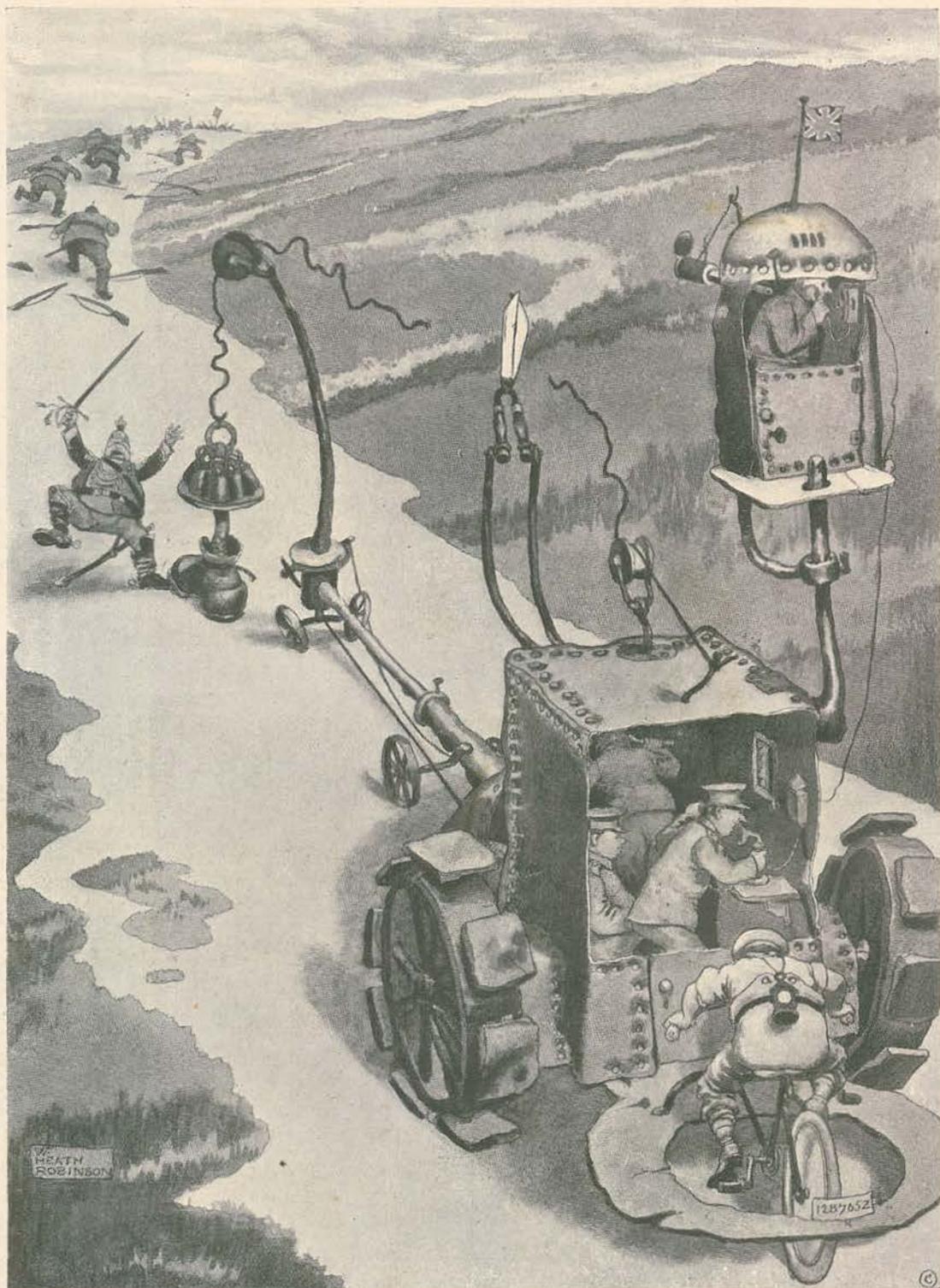
E. G.

A FRONTEIRA HUMORISTICA



Ao aproximar-se uma granada de um estabelecimento
—Lá vai haver mais uma vaga de empregado e quem vier tem probabilidades de subir rapidamente.

(The Bystander).



REGEITADO PELO TRIBUNAL DAS INVENÇÕES

PISA-CALOS BLINDADOS

(Reprodução da extraordinária fantasia do caricaturista Robinson).

FIGURAS E FACTOS

"Mudança d'ares"—O abalizado medico higienista, dr. Samuel Maia, não se limita a prestar os seus serviços valiosos em visitas e consultas, que aliás já não representam pequeno trabalho, feito sempre com proficiência e seriedade inexcusáveis; alarga os seus douts ensinamentos a quantos o desejam ouvir, ainda dos recantos mais inacessíveis do paiz. São os seus artigos nos jornaes, os seus livros escritos com tanta finura de observação, no estilo mais atraente pela graça e mais comprehensível pela simplicidade, que disseminam por toda a parte ótimas lições para conservarem a saude aqueles que a



O sr. dr. Samuel Maia

teem e para a recuperarem os que a perderam.

Quem ler bem os escritos do dr. Samuel Maia e tiver sempre presente os seus conselhos e advertencias não precisa de medico nem de botica, porque n'elles encontra claramente explicados os meios de ter saude e força e a alegria sã que resulta d'elas. O seu novo livro "Mudança d'ares", primorosamente impresso nas oficinas da "Ilustração Portuguesa", lê-se com o interesse de um romance e produz os efeitos salutareos da mais escrupulosa obra sobre hygiene. Por isso, todos o devem ler.



A subscrição do *SEculo*: — A 6.^a remessa de socorros.—(Cliché Benoliel)

A subscrição aberta pelo *Seculo* a favor dos feridos da guerra e dos nossos soldados que se bateram em Africa tem sido aproveitada de uma maneira admiravel. Para os soldados portuguezes foram duas grandes remessas de socorros; para os hospitaes de França foram quatro, contando com a expedida na 2.^a feira passada, constituída por 22

fardos contendo 4.000 peças de lã, como cobertores, mantas, ceroulas, camisolas, etc. D'esses 22 fardos, por alvitte do sr. ministro da França, sete são destinados aos prisioneiros que bem dignos se tornam igualmente de alguns agasalhos, pois estão soffendo tambem muito com este rigoroso inverno.



A sr.ª D. Maria Adelaide Fernandes, inteligente discipula do distinto professor de musica sr. Pavia de Magalhães.



O distinto ator Nascimento Fernandes, que regressou da Suíça, onde esteve em tratamento n'uma casa de saúde.



O sr. Ernesto de Vasconcelos, ilustre official de marinha e secretario perpetuo da Sociedade de Geografia, autor do excellent livro de estudo elementar de geografia fisica, economica e politica *Arquipelago de Cabo Verde*, recentemente publicado.

José Duro.—A livraria Guimarães & C.ª e o distinto escritor e jornalista nosso amigo Albino Forjaz de Sampaio acabam de prestar homenagem a um dos mais gloriosos poetas portugueses, que a morte arrebatou justamente quando apresentava o seu primeiro livro, em 1898. Trata-se de José Duro, esse incomparavel cantor da tristeza, es-



O poeta José Duro

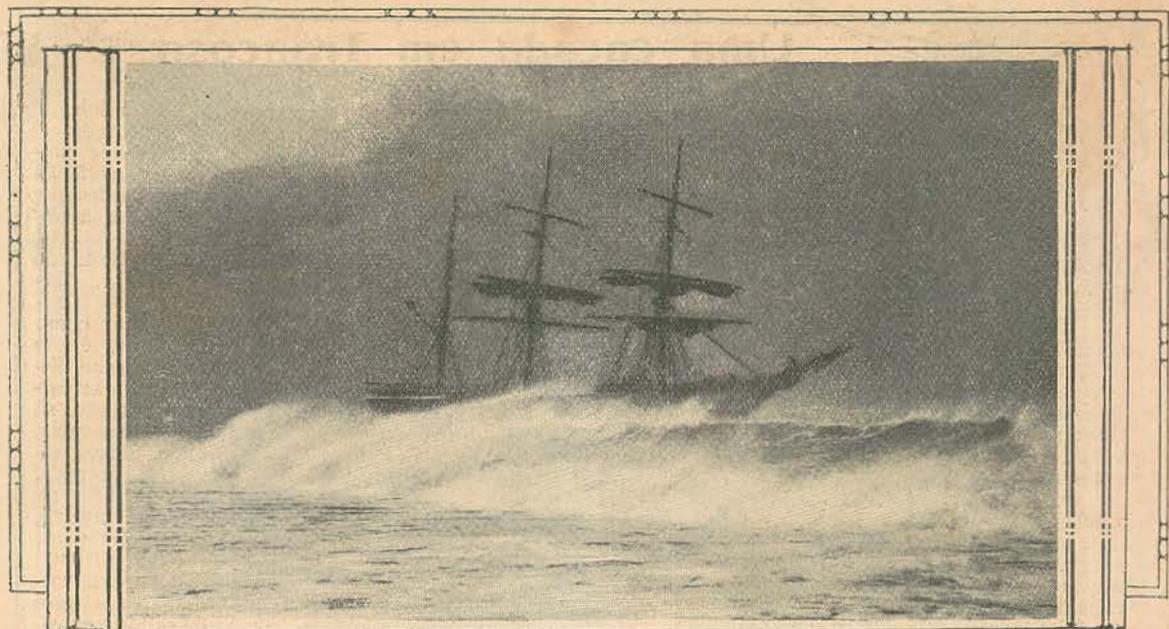
se pobre doente que a doença propria arrancou as mais sublimes estrofes. A homenagem, que não podia ser mais bizarra, constituiu na reedição do inspiradissimo livro de versos "*O Fel*", que muita gente desconhecia e que por isso não podia apreciar a obra de um tão completo cultor da poesia nacional.



O sr. João de Lebre Lima, autor da brilhante conferencia intitulada *O clarão medieval*, lida no primeiro Salão dos Humoristas e Modernistas, realisado na cidade do Porto e que foi publicada pela livraria Charorón, na mesma cidade.



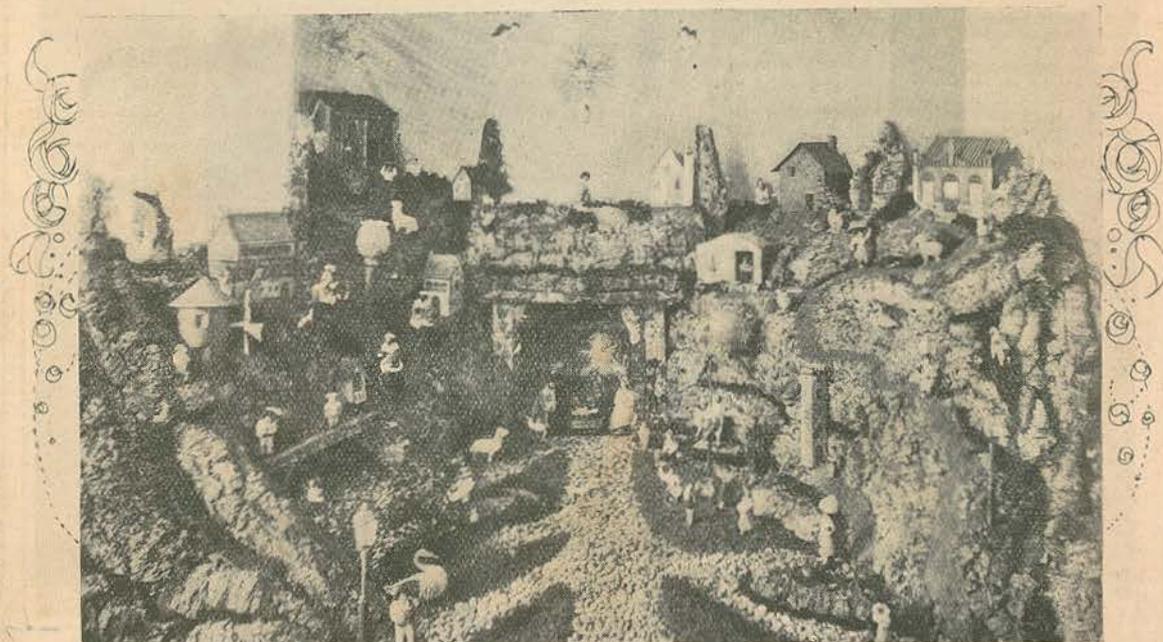
6. O sr. André Brun, um dos nossos primeiros escritores humoristas, autor do livro de contos *Sem pés nem cabeça*, que acaba de ter segunda edição.—2. O sr. dr. João Pinto de Figueiredo e a sr.ª D. Belmira Elisa Estevinho Castanheira de Moura, sobrinha do grande industrial sr. Castanheira de Moura, que se consorciaram na igreja da Encarnação, em Lisboa.



O *Pero de Almaguer*, antigo transporte da marinha de guerra, hoje pertencente á firma Alves da Silva, Limitada, da praça de Lisboa, que naufragou a 30 milhas de Nova York, conseguindo salvar-se poucos dias depois. A tripulação tambem foi salva e o transporte deve chegar a Lisboa dentro em breve

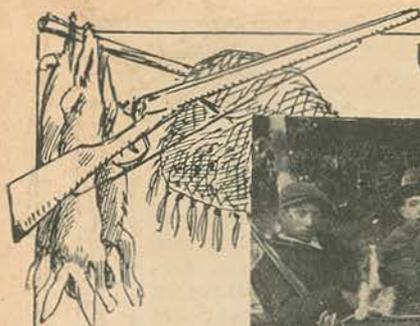


2. O sr. Manuel Xavier Trindade Chagas Roquete, capitão de infantaria e secretario perpetuo da Sociedade da Cruz Vermelha, falecido em Lisboa—3. O sr. Francisco Feio Guerreiro Maldonado, antigo chefe da policia civica de Lisboa, falecido recentemente—4. O sr. Antonio Maria da Silva Leite, funcionario publico, falecido em Vizeu, onde era empregado na repartição de finanças — 5. A sr.^a D. Isaura Esteves dos Reis, falecida ha dias em Lisboa—6. O sr. Joaquim Pedro de Freitas Castelo Branco, agronomo aposentado, falecido em Ceia, onde era muito estimado—7. O sr. dr. Torquato Pinheiro, tenente medico, falecido em Castelo de Vide, em consequencia de uma grave queda de um cavallo que montava—8. O sr. Bartolomeu Antonio Sales, capitão de infantaria reformado, falecido em Lisboa



Em Espinho.—Presepio que esteve exposto na residencia do sr. Manuel de Oliveira Pimentel, de que é autor o sr. Antonio Ferreira Mendes

Uma caçada em Trancoso



Promovida pelo sr. Carlos Inacio Coelho, filho do importante capitalista sr. José Inacio Coelho e uma dos mais distintos *sportsmen* portugueses, realizou-se em Trancoso uma esplendida caçada para o brilhantismo da qual muito concorreu o seu particular amigo e um dos ma's entusiastas e grande amador de *sports* sr. Mario Rodrigues Martins, tendo assistido a esse divertimento os distintos caçadores d'aquela vila srs. dr. João de Almeida, José de Sousa Campos e Jaime Ribeiro, que, com a sua boa vontade e inteligente orientação, muito contribuíram pera o excelente resultado da caçada.



Foram dois dias cheios de alegria que nunca se varrerão da memoria dos que assistiram á diversão.

O promotor da caçada, sr. Carlos Inacio Coelho, que, como dissémos, é um *sportsmen* distinto, tem se evidenciado não só no nosso paiz, onde obteve diversos premios, mas tambem no Rio de Janeiro, onde atualmente reside.

Possue a medalha de ouro de saltos em altura, e, entre outras ganhas em varias regatas, a de atirador especial, sendo tambem exímio nos exercicios venatorios, para o que muito contribue a sua poderosissima resistencia.

No ano passado, em um mez, foram por ele e pelo sr. Mario Rodrigues Martins, em varias caçadas, abatidas quinhentas cabeças.

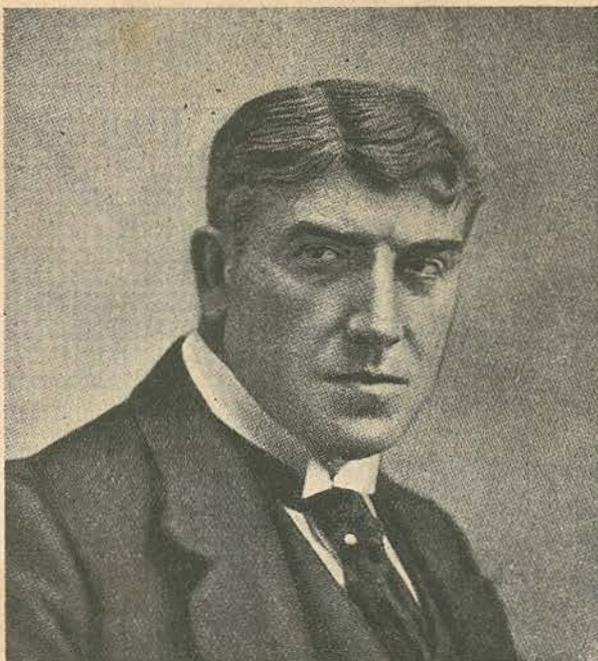


Dois aspetos do automovel conduzindo caçadores

GUITRY

«Guitry, le superbe» como lhe chamam em França; Guitry, o interprete admiravel do moderno teatro francez; o creador das grandes figu-

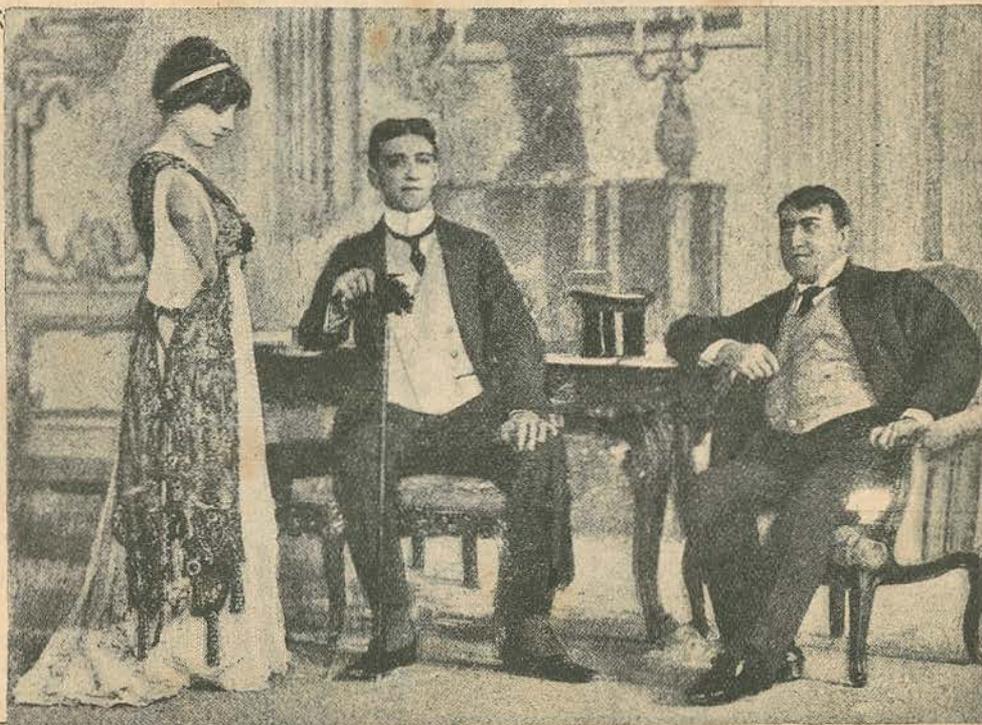
ras amorosas e violentas de Bernstein; o colaborador de Bourget; o maior ator da França d'hoje, foi durante dez inolvidaveis noites d'arte hospede do Teatro Republica. Findaram essas recitas brilhantes, em que Guitry nos apresentou, quasi integra, a galeria das suas mais notaveis e gloriosas creações. Vimolo em «La Griffe», no «Jaques Brachard» do «Sanson», no «Abbé Constantin», no «Cardinal», da «Primerose», no «Marquez Clavier-Grandchamps» do «Emigré»,



O grande ator francez Guitry

no «Tribun». E de toda essa triunfante exhibição de figuras, animadas por um intenso poder artistico, resta-nos uma profunda, viva e ainda vibrante sugestão de energia, de communicativo talento e de emotiva maleabilidade.

Guitry é sobretudo, o grande interprete das paixões violentas, do orgulho, da vontade, da força. As duas mais fortes impressões d'arte que nos deu foram a do «Sanson» e do «Emigré». Em ambas elas, o orgulho do triunfo e o orgulho da raça são devastados, derrubados, pelas tempestades da paixão. «Jaques Brachard», sabendo-se traído, como o velho Sansão



Mr. Henry Bernstein, autor do *Sansão*, tendo á direita mademoiselle Simone e, á esquerda, o grande ator Guitry, principais interpretes da sua obra.



Mr. Gilder

biblico, arrui-
na-se por suas
proprias mãos,
para no seu de-
sastre sepultar a
ruína do seu
adversario e ri-
val—e, no últi-
mo ato, pobre,
decaído, humi-



Mr. Bonagoin, con-
tra-regra



Mr. Marquet

magistral. Diz-
se que a velha
comedia de Aug-
gier é a obra
que Guity pre-
fere represen-
tar, o seu pre-
dileto trabalho.
E ha, na rea-
lidade, mais



Mr. Marchand

lha-se e abriga-se na piedosa esperança do amor
que o traíu. O «marquez de Claviers-Grandchamps»,
personificação de todos os preconceitos da alti-
vez e da tradição, traído igualmente, surge-nos
no ultimo ato da obra de Bourget vencido pelo
destino e pela vi-
da.

E' n'estas gran-
des e fortes almas,
que um tufão aba-
la e destroça, que
o genio dominador
de Guity é soberano
e admitavel. Robusto,
voz decisiva, temperamento
voluntarioso e ener-
gico, tudo n'ele se
conjuga para o formidavel poder com
que dramaticamente
nos transmite a
nobreza pungente
e a amargura d'esses
grandes derrotados.
As suas qualidades
inexcediveis de sobrieda-



Mademoiselle Jeanne
Desclos

de, de simplicidade, juntam um mas-
culo vigor de tragedia e de verdade
a essas creações empolgantes.

Mas Guity não é apenas um extra-
ordinario temperamento artistico, é tam-
bem um maravilhoso e cultissimo in-
terprete do pormenor, um inexcedivel
ator de composição. E, como tal, são perfeitos os
seus trabalhos em «La Massière» e no «Gendre
de Mr. Poirier». São dois papeis de comedia,
serenos, retocados aié á minucia, levados até ao
exagero do detalhe. A propria caracterisação de
Guity é, nas duas peças, uma obra prima. A
bonomia do pintor «Maréze» e o burguezismo
do «sr. Poirier» são exteriorizados por uma forma



Mademoiselle Raefaele
Osborne

que talento, carinho e,
mais do que carinho,
amor, n'essa realisção
completa do bom senso,
do egoismo e da bonda-
de do rico sogro do fi-
dalguinho aventureiro,
que é ainda hoje uma
das mais espirituosas
creações da comediogra-
fia franceza.

Supomos que da passa-
gem de Guity pelo pal-
co do Repu-
blica, algu-
ma coisa de educador ficou para o

nosso publico e para o nosso
teatro. Não é que em Portugal
não haja nota-
veis actores e ain-
da brilhantes ele-
mentos dramati-
cos. Mas as re-
citas de Guity caracte-
ri-



Mademoiselle Berthet



Mademoiselle
Jane Lion



Madame Grumbach

saram-se sobretudo por
uma precisão, por uma
ordem, por uma ele-
gancia de representa-
ção que denominare-
mos o «estilo Guity». E'
ahi, n'esse equilib-
rio de facultades,
de disciplina e de sinceridade,
que está principa-
lmente a virtude do exemplo d'esse grande
mestre da moderna cena parisiense.



Mr. Almette Auvray

Mr. Liezer

Mr. Bourdel

A. de C.

A cura do cancro pelo radium

Toda a imprensa de Lisboa se vem referindo ás sensacionaes curas do cancro obtidas, por meio do radium, pelo illustre clinico sr. dr. Decio Ferreira, no seu consultorio da rua Garrett. Não podiam elas, pois, passar-nos despercebidas, pois constituem um avanço notavel dado pela ciencia.

O cancro que, como todos sabem, não tinha cura possivel, visto que as operações eram sempre segui-

onde se fazem dia a dia experiencias, sendo os felizes resultados d'elas publicados em boletins, que fazem honra á arte de curar.

Entre nós alguma coisa se fez, mas sem a sequencia precisa para se chegar a resultados positivos. Demais, os institutos scientificos, desajudados dos poderes publicos, nada poderam adiantar.

Foi então que um medico já muito conhecido entre



O sr. dr. Decio Ferreira



Bernardino Beirão, Pero, Guarda, Ferreira do Alentejo, 70 anos. Cancroide do nariz (epitidioma). Trata do a convite do sr. dr. Sousa Teixeira no hospital de S. José, enfermaria Sousa Martins, cama n.º 30. Outubro de 1914. 1.ª fase: na vespera da 1.ª sessão a radium, curado com quatro sessões de radium



Bernardino Beirão, Pero, Guarda, Ferreira do Alentejo, 70 anos. Cancroide do nariz (epitidioma). Tratado a convite do sr. dr. Sousa Teixeira, no hospital de S. José enfermaria Sousa Martins, cama n.º 30. Outubro de 1914. 2.ª fase: com mais algumas sessões a radium devia desaparecer a cicatriz

das de recidivas, está finalmente dominado. Sabe-se, positivamente,

nós pelos seus numerosos e úteis trabalhos, o sr. dr.

que o radium, com o seu estranho poder construtivo, consegue dominal-o.

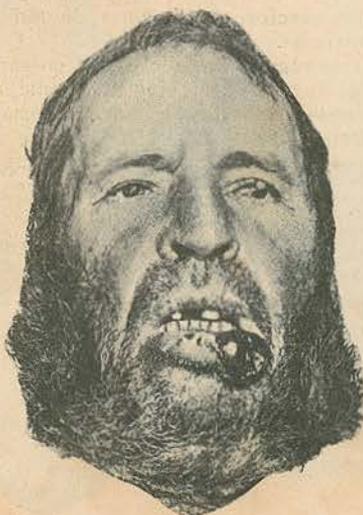
Já desde a descoberta de mr. Curie e sua esposa se sabe que

o radium é capaz de curar a terrivel doença do cancro. Em todo o mundo appareceram homens, guardas avançadas do progresso científico, que se dedicaram a fazer experiencias repetidas, para contraprovar na pratica essa afirmação teorica. Montaram-se mesmo no estrangeiro institutos especiaes de radium

Decio Ferreira, vencendo todos os obstaculos, com uma obstinação que só podiam dar-lhe a sua fé absoluta nos seus estudos sobre

o radium e um desejo ardentissimo de contribuir para o progresso da ciencia — se abalçou audaciosamente aos sacrificios d'um estudo que poderia ser duvidoso, mas que felizmente para todos nós está sendo coroado dos exitos mais re-tumbantes.

Que o radium curava o cancro, sabia-se já lá fóra, e d'isso eram testemunhos



Joaquim Vicente, Paul, Abrantes, 75 anos, epitidioma (couve-flôr) do labio inferior

1.ª fase: fotografado com mais de uma semana de tratamento, tendo já regressado cerca de metade do cancroide



2.ª fase: cura com seis semanas de tratamento, cinco sessões a radium

os resultados das experiências constantes de livros e boletins científicos. Mas em que proporção era necessário o radium para obter esta ou aquela cura?

Em pequena quantidade verificava-se que era difícil se não impossível fazer alguma coisa de definitivo. Mas a grande quantidade, como obtel-a, se um miligrama de radium custa



Joaquim Vicente Ferreira, Cascaes, 62 anos. Epiteldioma do nariz, operado tres vezes no hospital de S. José, onde existe a analise histologica

1.ª fase: antes da primeira sessão a radium



2.ª fase: muito melhorado continua em tratamento

um conto de réis?

Foi então a vez do sr. dr. Decio Ferreira fazer das suas fraquezas forças e, sendo pobre, conseguir o que não fizeram os ricos: comprar radium. Foi o que fez, sendo o sr. dr. Decio Ferreira um dos dois ou tres medicos no mundo que possuem maior quantidade de radium. Então, munido das armas po-



D. Julia R. A., Porto, 63 anos, enviada pelo distinto medico d'aquella cidade sr. dr. Armando Pereira Dias. Cancroide do nariz (epiteldion)

1.ª fase: Antes do tratamento

2.ª fase: Com 2 mezes de tratamento

3.ª fase: Com 3 mezes de tratamento

Com mais algumas sessões a radium devem acabar de desaparecer as pequenas crostas que ainda existem



1.ª fase: Com quasi duas semanas de tratamento, muito melhorada

derosas dos preciosos miligramas de radium, começaram as suas experiencias.

Como elas vêm sendo felicissimas, coroadas pelo mais completo exito, dizem-o bem eloquentemente as fotografias que se vêm n'estas paginas, fotografias feitas antes, durante e depois do tratamento de alguns dos doentes, salvos d'uma morte breve pela dedicacão á ciencia do distinto medico.

D. Quiteria de Jesus, Avelleda, Logar da Mota, Vila do Conde. 63 anos. Enviada pelo ilustre operador do Porto, sr. dr. Agostinho de Sousa. Epiteldioma do labio inferior.



2.ª fase: Com seis semanas de tratamento. Curada.